

MÓIN-MÓIN

**REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:
MIGRAÇÃO, DIÁLOGOS INTERCULTURAIS**

Florianópolis, v. 1, n.31, p. 129 - 139, jun. 2025

E - ISSN: 2595.0347

Elefanteatro: o espetáculo que anda do Pigmalião Escultura que Mexe

Mariliz Regina Schricke

Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC (Florianópolis, Brasil)

Pigmalião Escultura que Mexe (Belo Horizonte, Brasil)

Eduardo Felix

Pigmalião Escultura que Mexe (Belo Horizonte, Brasil)



Figura 1 – *Elefanteatro*. Espetáculo do Pigmalião Escultura que Mexe. Fotógrafo: Dudu Macedo

DOI: <https://doi.org/10.5965/2595034701312025129>**Elefanteatro: o espetáculo que anda do Pigmalião Escultura que mexe¹**Mariliz Regina Schrickte² e Eduardo Felix³

Resumo: O artigo descreve o processo de concepção do espetáculo Elefanteatro, um cortejo de rua protagonizado por um boneco gigante que narra a saga de uma família migrante em busca de uma vida melhor para se viver. A temática da imigração e da sustentabilidade se infiltram na diegese do espetáculo liderado pelo grupo de teatro de formas animadas Pigmalião Escultura que Mexe em parceria musical com o Grupo Oriundo de Teatro. Trazendo reflexões que se aproximam com os conceitos de “vida nua” e “vida precária”, de Giorgio Agamben e Judith Butler, respectivamente, a obra pactua com o compromisso político da representação artística em ativar novas percepções e provocar fissuras diante de tempos carimbados pela crueldade e intolerância.

Palavras-chave: Teatro; Teatro de Formas Animadas; Boneco Gigante; Pigmalião Escultura que Mexe; Elefanteatro.

Elefanteatro: the show that walks by Pigmalião Escultura que Mexe

Abstract: The article describes the creative process behind *Elefanteatro*, a street parade featuring a giant puppet that narrates the saga of a migrant family in search of a better life. Themes of immigration and sustainability are embedded in the diegesis of the performance, led by puppet theater group Pigmalião Escultura que Mexe in musical collaboration with Grupo Oriundo de Teatro. Engaging with concepts akin to “bare life” and “precarious life”, as proposed by Giorgio Agamben and Judith Butler, respectively, the work aligns with the political commitment of artistic representation to activate new perceptions and provoke ruptures in times marked by cruelty and intolerance.

Keywords: Theater; Theater of Animated Forms; Giant Puppet; Pigmalião Escultura que Mexe; Elefanteatro.

¹ Data de submissão do artigo: 01/04/2025. | Data de aprovação do artigo: 04/06/2025.

² Doutora no Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC (Bolsa DS Capes), Mestre em Teatro pela Universidade de Évora, Licenciada em teatro pela UNB e Bacharel em Design pela UFSC, Especialista em Arte-Educação pelo Senac/SP, é atriz formada pelo Teatro Universitário da UFMG. Participa do grupo Pigmalião Escultura que Mexe desde 2009 como atriz, bonequeira, marionetista, pesquisadora e ministrante de oficinas. E-mail: lizregina@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0643-6476>

³ Escultor teatral (bonequeiro, escultor, pintor, cenógrafo, diretor, dramaturgo, ator-manipulador, figurinista e compositor de trilhas sonoras). Formado em Escultura pela Escola de Belas Artes da UFMG, Eduardo atua profissionalmente no teatro desde 2001. Fundou e é diretor artístico do Pigmalião Escultura que Mexe, no qual desenvolve suas pesquisas e ensina suas práticas. Escreveu e dirigiu os espetáculos: O Presente (2007); Mendigo Marrom (2008); Seu Geraldo, voz e violão (2009); Bira e Bedé (2009); A Filosofia na Alcova (2011), adaptação de Marquês de Sade; O Quadro de Todos Juntos (2014); Mordaz (2015); Macunaíma Gourmet (2017); Brasil (2018); Fábulas Antropofágicas para Dias Fascistas (2023) e Elefanteatro (2023). O desenho e a Aquarela formam a base de todas as suas criações. E-mail: materiaispigmaliao@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8886-5730>

O elefante é o maior mamífero terrestre do mundo. Ele é pesado e migratório. Percorre longas distâncias em busca de água e de comida. É inteligente e comumente dócil. Sua tromba, emoldurada por duas gigantescas orelhas, serve para inúmeras funções como respirar, beber água, pegar objetos e alimentos. E se comunicar. Trata-se de uma figura colossal e extraordinária, que por estas e outras características invadiu o imaginário da humanidade e preencheu talismãs, amuletos, ditados populares, mitos e histórias. Um elefante nunca esquece. Da mesma forma que dificilmente é esquecido.

O boneco elefante colorido edificado pelo grupo mineiro Pigmalião Escultura que Mexe traz inspiração em todo esse arsenal de características, mas também foi alicerçado por outros estímulos circunstanciais. A começar pelo elefante Hari, uma encomenda para o espetáculo “Incomoda, incomoda, incomoda”, formatura dos alunos do Centro de Formação Artística e Tecnológica (CEFART - Fundação Clóvis Salgado/MG) sob a direção da também autora do texto Rita Clemente. De dentro do bicho, enquanto esculpia suas formas no isopor em 2021, Eduardo Felix⁴ se iluminou pela ideia de construir um teatro dentro de uma marionete animal. Um teatro-animal, um animal-teatro, um paquiderme que se abrisse em espaços para cenas e personagens em diferentes proporções. Estávamos atravessando a pandemia de Covid 19 e vislumbrar um próximo espetáculo só parecia ser possível sendo ele em espaço aberto e com grande circulação de ar.

O grupo já continha em seu histórico algumas incursões no teatro de rua. O Mendigo Marrom (2007) e Bira e Bedé (2009) são duas intervenções urbanas criadas pelo grupo que exploram a potencialidade do Teatro de Formas Animadas de agigantar criaturas e com isso atrair o olhar do mais distraído transeunte. Elefanteatro⁵ chega como uma nova experiência no cenário citadino e inaugura um formato de espetáculo-cortejo para percursos de idealmente 1 km de extensão. O bicho, inicialmente esboçado para ser um elefante indiano,

⁴Diretor do grupo e também do Ateliê Felix.

⁵Teaser do espetáculo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wbhll-GZmZQ>>. Acesso em 15 mar. 2025.

ascende em medidas para se tornar um elefante africano após o grupo firmar uma parceria para a duplicação do projeto em terras africanas. Assim, com madeira, alumínio, tubos de pvc e 9 meses de construção, ergueu-se o Elefanteatro, posteriormente revestido com embalagens descartáveis de plástico coletadas pelo grupo em uma campanha de arrecadação com seu público. O boneco-animal de 3 metros de comprimento caminha manipulado e animado por seis manipuladores, tendo como suporte uma “bicicleta” adaptada. Outros 5 bonecos menores tripulam o Elefanteatro, surgindo por janelas que se abrem de sua barriga ou pegando carona no lombo do elefante (Figura 2).



Figura 2 - Elefanteatro e seus operários
Fonte: Arquivo do grupo. Fotografia: Lina Mintz (2024).

O Elefanteatro carrega muitas histórias diferentes, mas que encontraram um caminho em comum. Ele é construído de restos de embalagens, restos de um mundo decadente, como uma montanha de resíduos que ganha vida. Novos personagens, novos lugares, novos resgates, novas situações e novas histórias vão surgindo nessa jornada em que o principal combustível é a esperança. O elefante deu seus primeiros passos em julho de 2023 através da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte, com patrocínio da TK Elevator. A

estreia com música executada ao vivo pelos integrantes do Grupo Oriundo de Teatro se deu em 2024. O espetáculo traz como sinopse:

Um enorme elefante, um ser sagrado, um ser místico, um ser gigante, caminha acompanhado por uma multidão que ele mesmo forma. Ele aparentemente vem sozinho, sem carregar nada, mas dentro dele há muitas memórias. Um elefante nunca esquece. Dentro dele cabe um mundo. O grande animal cênico tem tripulantes dentro dele, que ele carrega em uma longa jornada, pessoas que ele resgata no caminho por onde ele passa. Eles foram socorridos pelo Elefanteatro e esperam chegar em um lugar bom. Quem precisa de abrigo é sempre o outro, até sermos nós mesmos. No caminho do elefante sempre haverá outros a serem resgatados. (Felix, 2023)

Sustentabilidade e imigração

O Elefanteatro aborda questões urgentes da contemporaneidade com símbolos visuais e dramáticos pensados para serem facilmente decodificados nas ruas por onde o espetáculo passa. A Sustentabilidade e a Imigração são os dois tópicos principais sobre os quais se desenrolam a saga de um Elefante feito de plástico, que ganha vida para salvar pessoas em seu caminho, gente que precisa partir em busca da esperança de uma vida melhor. No início do espetáculo o elefante fica desmontado, parecendo uma montanha de lixo, aludindo aos lixões e às ilhas de plástico no oceano, ao consumo inconsequente e deterioração das fontes naturais que tem tornado cada vez mais lugares do planeta em insalubres ou mesmo inabitáveis.

O elefante aborda diretamente a questão da imigração e do movimento migratório, direito humano inviolável, que pode acontecer em pequenas ou grande escalas, pequenas ou grandes distâncias, pequenas ou grandes dificuldades. “O elefante ajuda realmente quem precisa ser salvo urgentemente, quem é jogado ao mundo à própria sorte, não há ninguém que com ele se importe” (Felix e Santana, 2023), diz a letra de uma das muitas músicas do espetáculo. A intenção é mesmo levar para as ruas a questão da imigração para combater os preconceitos e uso político (equivocado ou malicioso), da questão da imigração no Brasil e no mundo. O espetáculo mostra que todos, qualquer pessoa, pode ser exposta à necessidade de partir de onde vive, ou pode mesmo

fazer isso diariamente sem se dar conta, morando em uma cidade e trabalhando na cidade vizinha, por exemplo. E é no lombo do elefante, grande mamífero migrante, que viajam 5 personagens de muitos que ainda virão, sensibilizando o público mais improvável, o simples passante, para questões que dificilmente perderia seu tempo refletindo. No trecho da dramaturgia do Elefanteatro, temos:

O teatro não serve só pra fazer rir! O teatro, a tragédia, a dor representada, servem para fazer as pessoas pensarem, para preparar as pessoas para a realidade, simulando sensações que essas pessoas não querem viver, não precisam passar de jeito nenhum, na vida real, entendeu? (Felix, 2023)

O elefante, desde o instante em que é erguido e edificado diante do público, se transforma imediatamente em uma isca, um chamariz inevitável para atrair a atenção do público. A partir daí, deste ponto do qual o olhar não pode mais ser desviado, o espetáculo aborda de maneira poética e inusitada questões urgentes e pungentes da contemporaneidade. O enorme animal, que é um teatro que caminha, um gigante vivo, serve para atrair e comover as pessoas com seus olhos, seus ouvidos e seus corações, para questões que, muitas vezes, elas são ao mesmo tempo vítimas e defensoras, por desinformação ou por insensibilidade: o direito à migração e o direito a viver em um mundo melhor.

Vida nua, vida precária

Vidas Secas (1938) é uma célebre obra de autoria de Graciliano Ramos que narra a história de uma família de retirantes sertanejos obrigados a se deslocar devido ao castigo da seca que assola o Nordeste brasileiro. Fabiano, sua esposa Vitória e seus dois filhos, são personagens que inspiram a família que agora habita o lombo do elefante. Família esta que representa inúmeras histórias reais de brasileiros invisibilizados e vítimas do descaso social.

Macabéa é a heroína da obra “A Hora da Estrela” (1977), assinada por Clarice Lispector e que traz como narrativa a vida de uma jovem nordestina sonhadora e ingênua que chega à cidade grande e se depara com a marginalização, a solidão e a falta de sentido em sua vida. A moça encontra seu

final trágico após ser vítima de um atropelamento. Com Elefanteatro, a história se atualiza: o gigante a encontra, machucada e abandonada, e a convida a “embarcar” (Figura 3).



Figura 3 - O resgate de Macabéa

Fonte: Arquivo do grupo. Fotógrafo: Igor Cerqueira (2024).

Os personagens mencionados são bonecos que possuem pintura feita à base de terra em alusão ao chão, aos territórios, à pátria, ao local de origem e de chegada. Outros protagonistas de distintas obras e também da realidade brasileira são pensados para em um futuro próximo adentrar na dramaturgia. A escolha dos personagens dialoga com o conceito de “vida nua” de Giorgio Agamben e acaba por convergir com o conceito de “vida precária” de Judith Butler ao propor uma reflexão sobre alteridade, empatia e diferentes medidas que impusemos ao nosso olhar sobre o valor das pessoas.

Agamben (2004, p. 12-13) fala sobre o estado de exceção como um dispositivo político em que aquilo que não é legal toma a forma de legal, tornando possível a eliminação de vidas sobre a prerrogativa de que não são integráveis ao sistema político. O dispositivo fabricado no contexto da Primeira Guerra Mundial teria se consolidado nas democracias modernas sob novas roupagens. O sacrifício dos pilares da democracia por um suposto bem maior seria recorrente. É nesse enlace que o filósofo italiano traz o conceito de “vida nua”

(Agamben, 2010) como a vida de uma pessoa que pode ser impunemente tirada por um poder soberano, uma figura humana desprovida de significação e reduzida a funções biológicas. Uma vida descartável.

Esta fabricação de “vidas matáveis” de Agamben se associa ao conceito de “vida precária” formatado posteriormente por Judith Butler em que se flexionam as condições para a distinção de vidas que valem a pena das que nada valem. A filósofa desenvolve seu pensamento sobre precarização a partir do contexto de retaliação aos responsáveis pelos atentados de 11 de setembro, desembocando na forma de representação midiática dos rostos do inimigo como um dispositivo que constrói categorias em que a morte de algumas vidas humanas deixa de ser passível de luto (Butler, 2019). Há aqui uma tentativa de afastamento ao elemento corpóreo do outro, corroborando com o adensar da violência e com a complacência aos mecanismos de guerra.

Em outro momento, Butler (2011, p. 31) cita as imagens propagadas pela mídia na Guerra do Vietnã, quando, em corrente oposta ao apagamento, a população norte-americana se posiciona contrária à guerra ao se solidarizar com as imagens das vítimas do Napalm⁶. Alguns episódios de nossa realidade mais próxima se aproximam deste caso. Podemos mencionar a foto de compartilhamento global do corpo de uma criança síria em uma praia da Turquia em 2015 como imagem disparadora de uma maior sensibilização à crise migratória⁷. No atual momento, vivenciamos uma expulsão compulsória e violenta dos imigrantes por parte do atual presidente dos Estados Unidos. “Há um elefante na sala”, é uma dessas frases populares usadas em situações de grandes problemas que ninguém quer enfrentar, mas que são grandes demais para serem escondidos.

O Elefanteatro é um elefante na rua, solto, trazendo para a o cotidiano desavisado uma reflexão sobre o outro, o estranho, de forma a forçar o público

⁶A foto da Garota de Napalm se tornou símbolo da guerra do Vietnã. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/deutsche-welle/2019/02/13/garota-do-napalm-foto-me-ajudou-a-fazer-algo-para-proteger-as-criancas.htm>>. Acesso em 18 mar. 2025.

⁷Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>>. Acesso em 18 mar. 2025.

a encarar, de forma empática, seres sobre os quais se evita pensar, sobre o que se considera não ter valor, sobre os cristais na sala mais baratos que podem ser quebrados pelo movimento do elefante, que não cabe em lugar nenhum. Todos podem precisar migrar, vivemos em uma época em que se cogita mesmo abandonar o planeta em que vivemos, buscando outro mundo, um mundo novo para ser habitado e explorado pelos humanos, depois de exauridos todos os recursos vitais da Terra. Mesmo assim, o estranho, o que vem de fora, é sempre alvo de desconfiança. O Elefanteatro convida o público a ser esse estranho por alguns instantes, pois sempre somos estranhos aos olhos dos outros em algum momento da vida.

Trazer a imagem de pessoas marginalizadas e invisibilizadas, colocá-las no lombo de um enorme gigante e colorido e contar suas histórias vem como instrumento similar à propagação das imagens de guerra supracitadas. Quem são essas pessoas obrigadas a sair de suas terras em busca de uma vida melhor? Diante de um cenário de crises políticas, sociais e climáticas, quando chega o seu dia de embarcar em um elefante e partir em busca de uma vida mais digna? O Pigmalião trata de colocar um gigante no meio da rua para tratar poeticamente desses assuntos que não podem mais ser abstraídos.

Hans-Thies Lehmann acredita que, diante da velocidade da mídia, o teatro se vê com dificuldade de denunciar os abusos da sociedade, recorrendo, hoje, de modo muito mais indireto aos temas políticos. Assim, coloca que se deve procurar o político do teatro no modo em que se usa dos signos, mudando a forma do espectador perceber as questões, e sugere que “a política do teatro é uma política da percepção” (Lehmann, 1999, p. 424). O autor evidencia a arte teatral como a utopia de outra vida, sendo assim um laboratório profícuo para a experiência perceptiva da resistência, transgressão aos tabus, promoção de fissuras e destituição de categorias políticas. Aqui o pensamento de Lehmann se encontra com o de Jacques Rancière, quando o último fala em “atos estéticos como configurações da experiência, que ensejam novos modos de sentir e induzem novas formas da subjetividade política” (Rancière, 2005, p. 11).

O Elefanteatro fabrica essa incursão utópica na realidade, compondo uma profusão de signos que se combinam para cutucar subjetividades e novas percepções naqueles que o assistem. A música, as referências, o gigante animal cênico, seus personagens literários, os detalhes em plásticos recicláveis e outros materiais escolhidos, são indicações que se reconfiguram na percepção dos espectadores. A temática da migração e da sustentabilidade é evidente; as reflexões, sentimentos e seus inúmeros desdobramentos na percepção do público, não. Nesta jornada migratória que pretende alcançar muitas outras cidades, estados e país, a expectativa é que este gigante colorido ainda incomode, incomode, incomode muita gente.

Considerações finais

Imagine que em uma tarde você esteja caminhando pela cidade em direção ao seu trabalho, ou ao supermercado, ou esteja fazendo sua corrida semanal e se depare com um elefante colorido musicado caminhando pela paisagem urbana da sua cidade. É um feixe de ilusão, uma quebra, uma instauração de um imaginário, um cenário de um filme que se viu na infância. É a construção de uma situação alternativa que se rasga na realidade para de alguma forma provocar uma nova percepção em quem o vê. É a arte instaurando camadas inteligíveis sobrepostas que se somam à narrativa para desencadear reflexões e reações diferenciadas.

Tratando-se de um espetáculo de rua e para público livre, as faixas etárias dos espectadores de cada apresentação do Elefanteatro costumam ser muito distintas, assim como se diferem os elementos que prendem a atenção de cada um. As cores, a tromba, as orelhas, a música, a história, os bonecos, os operários-manipuladores do animal: há sempre um outro lugar para olhar. Alguns acompanham todo o cortejo. Outros são surpreendidos em alguma parte do caminho e se detêm para observá-lo brevemente. Alguns têm medo do gigante; outros têm atração por tocá-lo. Situação recorrente é quando o público prende plásticos encontrados na rua no corpo do elefante, compreendendo que se trata de uma ação para a conscientização sobre o descarte correto do lixo.

O elefante do Pigmalião ainda não foi batizado com outro nome que não seja Elefanteatro. Ele poderia se chamar Sonho, ou Esperança, ou ter um desses nomes estrangeiros que se daria para um animal que não é originário aqui do Brasil. O elefante pode ser a metáfora de muitas coisas, como a própria dramaturgia diz, ele é uma casa, um carro, um barco, um cortejo, uma esperança. Carrega com ele os sonhos de uma vida de mudança. Um teatro caminhante, uma ilha flutuante. Uma escultura que mexe, um monte de plástico andante” (Felix e Santana, 2023). O elefante pode ter um nome ou significado diferente diante da perspectiva de cada um daquele que o vê e diante da história e do “peso” que cada um carrega. Mas uma coisa é certa: em todos os lugares por onde for, este gigante boneco animal nunca passará despercebido.

Referências

AGAMBEN, Giorgio, 1942-. **Estado de exceção**; tradução de Iraci D. Poleti. São. Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p.13 -33.

_____. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 189 pp.

FELIX, Eduardo. **Elefanteatro**. Dramaturgia do espetáculo do grupo Pigmalião Escultura que Mexe. Belo Horizonte, 2023.

FELIX, Eduardo; SANTANA, Tatá. **Elefanteatro**. Trilha sonora do espetáculo do grupo Pigmalião Escultura que Mexe. Belo Horizonte, 2023.

LEHMANN, H. **Teatro Pós-Dramático**. São Paulo: Cosac Naify, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**: estética e política. São Paulo: Ed. 34, 2005.